

# Espaços do Esquecimento

LUIZZA MILCZANOWSKI

intransitiva  
• revista

MEMÓRIAS QUE NOS ATRAVESSAM (V. 4, N. 2, 2020)

# Espaços do Esquecimento

Luizza Milczanowski

---

Antes, eu tinha o hábito de escrever tudo em meu diário, porque queria guardar todos os momentos na memória, aprisionar e controlar o tempo. Eu queria poder me lembrar de todos os acontecimentos, absorver e engolir, não esquecer nada.

Mas, hoje, eu sou instigada pelo esquecimento. Paro e penso, curiosa: será que me lembrarei disso daqui a dez anos? Do que será que me lembrarei? No que se transformará essa memória? A memória, esse conjunto de momentos que vão se perdendo e se modificando, é muito parecida com a imaginação. Lembrar e imaginar são muito semelhantes.

Às vezes, fico me perguntando se me lembrarei de você e do que me lembrarei. Eu, que apesar de deixar o esquecimento fazer o seu papel, ainda tenho a sede de lembrar.

O sol europeu, apesar do inverno, era intenso. Tudo era branco e ensolarado no topo daquela cidadezinha antiga, antiga. Eu disse: Será que vou me lembrar disso daqui a dez anos. Você disse: Será que vai se lembrar que esteve cá. Sim, disso eu me lembraria. O sol alto, tudo muito branco, a igreja histórica, as pichações dos universitários em todas as vielas. Mas o que será que eu me lembraria de você?, era isso que eu queria perguntar. Dessa ideia suspensa de nós dois. Por que, por que, por que, eu me perguntei muitas vezes, eu tinha de me apaixonar por essas ideias suspensas de alguém, desse incompleto confuso de estar e não estar envolvida com uma pessoa. Por que as relações não podiam ser simples como dois corpos que se chamam, sem ego, sem jogo, sem mágoas? Só entrega. As pessoas são complicadas.

Pensei, arrebatada, que ainda não tinha escrito nenhuma Literatura para você. O que talvez significasse que, afinal, você não significava tanto. Ou, então, que eu precisava daquele fim esperado para colocar no papel tantos sentimentos bobos. A Literatura é construída exatamente ali: no misto da memória e da imaginação. Eu precisava esquecer para transformar a memória em algo meu. Talvez a memória te transformasse em algo mais compreensível para o meu papel. Mais mastigável para as minhas palavras, para a construção dos meus verbos. Talvez a imaginação pudesse me dar respostas que a memória não era capaz de dar.



Ilustração de Paula Isabelle Souza

Naquele dia, eu tive certeza de que você não sentia nada por mim para, no dia seguinte, mudar de ideia e ter certeza de que você sentia. Bem me quer, mal me quer. São esses silêncios que o corpo não esconde que me faziam ter essas certezas contraditórias. Seu corpo dizia que você tinha raiva e mágoa de mim e sua entrega ao meu toque dizia que você me desejava. Tudo ficaria claro se você estivesse disposto a falar sobre esses sentimentos, mas você não estava, e eu não tive a coragem de perguntar. Eu tinha medo do que poderia ser dito. O medo de estar errada sobre essas minhas percepções. Eu preferia manter esse silêncio para que minha imaginação pudesse preencher os espaços, tomar conta dos buracos e transformar os incompletos em minha própria narrativa. Sua Literatura vem antes da Vida, você diria. Mas você nunca teve compreensão de nada disso.

## Sobre a autora

Luizza Milczanowski tem 22 anos, vive no Rio de Janeiro e encontrou na Literatura sua forma de estar e agir no mundo. Publicou contos e poesias em revistas literárias, eletrônicas e físicas, como a *Revista Philos*, a *Revista Intransitiva*, a *Revista Subversa*, a *Revista Inversos*, a *Revista LiteraLivre*, assim como nos projetos *Folhinha Poética* e *Fale com Elas*.